



TERMOS DA ORAÇÃO

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Diáspora

"Acalmou a tormenta; pereceram
Os que a estes mares ontem se arriscaram;
Vivem os que, por um amor, temeram
E dos céus os destinos esperaram."¹

Atravessamos o Mar Egeu
o barco cheio de fariseus
com os cubanos, sírios, ciganos
como romanos sem Coliseu
Atravessamos pro outro lado
no Rio Vermelho do mar sagrado
nos center shoppings
superlotados
de retirantes
refugiados

Where are you?²
where are you?
where are you?
where are you?

Onde está
meu irmão
sem irmã
o meu filho
sem pai
minha mãe
sem avó
dando a mão
pra ninguém
sem lugar

pra ficar
os meninos
sem paz
onde estás
meu senhor
onde estás?

Onde estás?

"Deus! Ó, Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçados³ nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde⁴ desde então corre o infinito
Onde estás, senhor Deus?... "⁵

(ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa. Diáspora. In.: *Tribalistas*. Rio de Janeiro: Som Livre, 2017)

Vocabulário

¹ Primeira estrofe do Canto 11, do livro *O Guesa* (1878), de Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade).

² Tradução da frase em inglês: "Onde está você?".

³ Embuçado: encoberto, escondido.

⁴ Embalde: inutilmente.

⁵ Primeira estrofe do poema "Vozes d'África" (1868), de Castro Alves.

1. (G1 - cftrj) A respeito do emprego da terceira pessoa do plural nos versos 1 a 4 da canção "Diáspora" (texto), pode-se afirmar que:

- "mares", "céus" e "destinos" são os sujeitos das orações, pois são os únicos termos com os quais os verbos concordam.
- o sujeito é indeterminado, pois não se quer identificar o agente das ações, o que justifica as perguntas ao longo do texto.



- c) a não identificação do sujeito constitui uma falha comunicativa, visto que incorre em carência na precisão das informações.
- d) "refugiados" é um dos referentes sintático-semânticos destes verbos, o que fica claro nos versos seguintes da canção.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto com atenção e, em seguida, responda à(s) questão(ões) a seguir.

O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã. Então descobri que não tinha mais passado.

Eliane Brum

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

O Crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava.

Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobrevivem à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegaram caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

Brasil, é você. Não posso ser aquele que não é.

O Museu Nacional queimando.

O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu Avô, Dom Pedro VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspeto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte da esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. É o golpe, é o golpe. ¹Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

Nunca salvaram. Há 500 anos não salvaram.

As costas de Pedro ferviam.

Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. “Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com estivesse queimando também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. “Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. “A realidade é ²Science Fiction.”

Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora, Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

“O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu?

O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora porque suas línguas se incendiaram lá dentro. E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

O Museu Nacional sem recursos do Governo Federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.



Ouço então o chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: “Está tudo sob controle”.

Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: “O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

O Brasil está queimando.

E o meteoro estava dentro do museu.

(*El País Brasil*: O Jornal Global. Opinião. 3 de setembro de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html. Acesso em 14 de setembro de 2018.)

Nota:

²Ficção Científica.

2. (G1 - cftrj) No fragmento “**Poderiam** ter salvo, e não **salvaram**, ele grita. Nunca **salvaram**. Há 500 anos não **salvaram**.” (referência 1), em todos os verbos destacados, nota-se que a autora optou pelo seguinte recurso sintático-semântico:

- impessoalização do sujeito, indicando que não houve um agente explícito para as ações.
- emprego de sujeito oculto, de modo a revelar seu desconhecimento sobre as responsabilidades.
- construção de voz passiva, a fim de caracterizar a ausência de atuação das autoridades.
- indeterminação do sujeito, deixando subentendidos para o leitor os realizadores das ações.

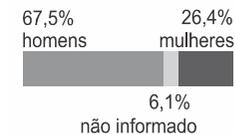
TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões).

HOMOFOBIA NO BRASIL

Violência ocorre mais entre jovens e com agressores conhecidos

PERFIL DAS VÍTIMAS

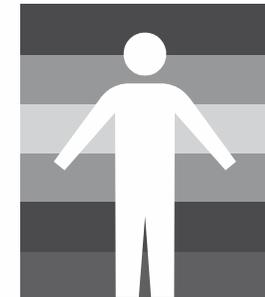


Orientação sexual

heterossexuais	1,6%
homossexuais	85,5%
bissexuais	9,5%
não informado	3,4%

Cor/raça

branca	44,5%
negra	52,1%
não informado	-



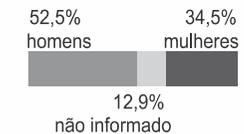
Vítima conhecia os suspeitos em

62%

dos ataques homofóbicos
> 38,2% eram familiares
> 35,8% eram vizinhos



PERFIL DOS SUSPEITOS



Orientação sexual

heterossexuais	43,9%
homossexuais	9,5%
bissexuais	2,2%
não informado	44,4%

Cor/raça

branca	31,2%
negra	32,3%
não informado	34,9%



*Do total que teve a idade informada

Fonte: relatório sobre a violência homofóbica no Brasil - Secretaria Nacional de Direitos Humanos

Disponível em: <<http://www.muza.com.br/2012/07/divulgado-relatorio-sobre-homofobia-no.html>>. Acesso em: 27 set. 2018.

3. (G1 - ifpe) No texto, as locuções adjetivas “das vítimas” e “dos suspeitos” acompanham o substantivo “perfil”, desempenhando a função sintática de

- agente da passiva, haja vista que atribuem uma agentividade a esse substantivo.
- predicativo do sujeito, porque apresentam uma qualidade para esse substantivo.
- adjunto adnominal, pois delimitam o significado desse substantivo.
- predicativo do objeto, já que apontam uma avaliação sobre esse substantivo.
- aposto especificativo, uma vez que são hipônimos desse substantivo.



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir:

Fomos proibidos de te amar, São Paulo

Herdamos o mito dos bandeirantes, e vocês transformaram Borba Gato, esse genocida, em fundador de nossa identidade. De legado, temos esta metástase em forma de desenvolvimentismo estéril, estas milhões de toneladas de concreto que hoje tentamos adornar para deixá-las suportáveis, mas que seria melhor não existissem.

Nos confinaram em bolhas de metal, em bolhas de concreto, em bolhas de vidro, como se fôssemos gado que tem por ração plástico. ¹*Disseram na nossa cara* ²*que praia de paulistano é shopping*, que Cumbica é o melhor lugar de nossa cidade, que plano de aposentadoria é pousada na Bahia. Que aqui não se cria filho, que essa terra só serve para ganhar dinheiro, como uma versão apocalíptica de Serra Pelada.

³*Nos deram uma ponte hedionda como novo cartão postal*, transformaram nossa espinha dorsal em uma avenida de banqueiros, bairros inteiros em cidades-dormitório. Nos chamaram de feios, sem horizonte, sem perspectiva além da fuga. ⁴*Que aqui não tem amor*. Envenenaram nosso ar, nossa água, e até ela nos ⁵*usurparam*.

Por identidade nos deram os bairros, que ainda assim se digladiam entre si, o excesso de trabalho e um superpoder: a capacidade de deixar o outro invisível, praticada todos os dias com pessoas e lugares, nos semáforos, quando nos deparamos com o dependente químico ⁶*que* chamamos de zumbi, metáfora usada em tom cruel e irônico para dar nome ao ⁷*nosso maior monstro social*, justamente porque eles não produzem como nós, os viventes.

⁸*Nossa história e arquitetura foram deixadas às ruínas, que ativamente permitimos que desmoronem*. Nos legaram um palimpsesto de cidade, onde sobrepomos uma camada de concreto à outra, sem respeito pelo passado, planejamento ou cuidado.

Nos disseram que devemos conquistar ou ser conquistados, *non ducor duco**, fomos colocados em estado permanente de guerra uns contra os outros, nos envenenaram com o medo pelas ruas e deixaram que o único elemento que nos cimentasse fosse o ódio comum e ancestral por São Paulo. Sem história, sem horizonte, perdidos. Fomos proibidos de te amar, São Paulo.

Chega. Talvez essa relação atávica de ódio nos encha os olhos de cataratas e não consigamos dar nome a essa emergência ainda, mas o faremos, com o devido distanciamento histórico. ⁹*Ocupamos as ruas com comida, com música, com arte, com*

cinema, com vida em toda a sua potência. ¹⁰*Vimos no feio o belo*, deixamos de ter medo da rua, que surge como um eixo que começa a aglutinar em torno de si uma nova identidade de paulistano. Lutamos com mil unhas e dentes por um pedaço de terra que até então não era mais do ¹¹*que* um estacionamento e que chamaremos de parque. Fizemos da cicatriz causada pelo militarismo um espaço para ensinar os novos paulistanos a andarem de bicicleta. Ocupamos lugares que nunca tínhamos visto e recuperamos a avenida das mãos dos banqueiros. Faremos turismo na cidade que habitamos. Não aceitamos mais esse ódio, esse estado permanente de guerra, a necessidade de conquistar o outro diariamente.

São Paulo é uma cidade no futuro: pós-apocalíptica, radioativa, seca, onde um dia dinheiro e trabalho não serão os únicos imperativos da vida social. Quando o mundo tremer, todas as cidades serão parecidas com a nossa. ¹²*Do caos e da feiúra emerge uma beleza que apenas nós, que rejeitamos sua ideia de belo, vemos*.

Temos vontade de rua, negamos seus heróis, seus monumentos, seus carros, seus modos de vida. Nem ¹³*que* nos custem décadas, mas faremos algo belo com os escombros que herdamos e deles faremos uma cidade, não uma abstração chamada São Paulo. Ocuparemos cada fresta, cada trinca, cada buraco da cidade cinza. Aqui se encerra esse ciclo de ódio e se abre uma possibilidade de um novo começo na relação com São Paulo.

Nossa terra está em transe. Somos afortunados. Somos os novos paulistanos, e essa cidade é nosso rolê.

* expressão latina: “não sou conduzido, conduzo”

(GUERRA, Facundo. Fomos proibidos de te amar, São Paulo. *Carta Capital*. Caderno Sociedade. 27/08/2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fomos-proibidos-de-te-amar-sao-paulo-2365.html>. Acessado em 11/08/2018)

4. (G1 - cotil) Considere a oração: “Vimos no feio o belo” (referência 10)

- I. O sujeito não está explícito na oração, mas sabe-se que é simples;
- II. O sujeito não está explícito, mas pode-se identificá-lo pela desinência verbal;
- III. O termo “o belo” desempenha a função de objeto indireto;
- IV. O termo “no feio” desempenha a função de adjunto adverbial.

Está correto o que se afirma em:



- a) I e III
- b) I, II e III
- c) II, III e IV
- d) II e IV

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ideologia

Meu partido

É um coração partido

E as ilusões

Estão todas perdidas

Os meus sonhos

Foram todos vendidos

Tão barato que eu nem acredito

Ah! Eu nem acredito

Que aquele garoto

Que ia mudar o mundo

Mudar o mundo

Frequenta agora

As festas do Grand Monde

Meus heróis

Morreram de overdose

Meus inimigos

Estão no poder

Ideologia!

Eu quero uma pra viver

Ideologia!

Eu quero uma pra viver

[...]

CAZUZA. *Ideologia*. Rio de Janeiro: Polygram do Brasil Ltda, 1988. 1 disco

5. (G1 - ifsul) Conforme definição do Dicionário Houaiss, ideologia é uma ciência “que atribui a origem das ideias humanas às percepções sensoriais do mundo externo”. Com base nessa definição do dicionário, é correto deduzir-se do texto de Cazuzza que a palavra foi utilizada com a intenção de

- a) questionar as próprias atitudes do sujeito lírico, que não se sente parte do mundo.
- b) encontrar ideais que alicercem as escolhas de vida que o sujeito lírico fará.
- c) expor os problemas da sociedade que foram originados de escolhas duvidosas.
- d) criticar as próprias escolhas do sujeito lírico, que percebe seus erros e tenta consertá-los.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões).



Triste, louca ou má	Ela desatinou
	Desatou nós
	Vai viver só
Triste louca ou má	
Será qualificada	Ela desatinou
Ela quem recusar	Desatou nós
Seguir receita tal	Vai viver só
A receita cultural	
Do marido, da família	Eu não me vejo na palavra
Cuida, cuida da rotina	Fêmea: Alvo de caça
	Conformada vítima
Só mesmo rejeita	
Bem conhecida receita	Prefiro queimar o mapa
Quem não sem dores	Traçar de novo a estrada
Aceita que tudo deve mudar	Ver cores nas cinzas
	E a vida reinventar
Que um homem não te define	
Sua casa não te define	E um homem não me define
Sua carne não te define	Minha casa não me define
Você é seu próprio lar	Minha carne não me define



Um homem não te define	Eu sou meu próprio lar
Sua casa não te define	Ela desatinou
Sua carne não te define	Desatou nós
	Vai viver só

<https://www.vagalume.com.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma.html>. Acesso em: 22/08/2018.

6. (G1 - cotuca) Sabendo que estrofe é o agrupamento de versos, assinale a alternativa que apresenta a análise sintática correta dos trechos do texto.
- a) Na segunda estrofe, os termos “do marido” e “da família” são complementos nominais do termo “receita cultural”.
 - b) Na primeira estrofe, o termo “Triste, louca ou má” exerce a função de sujeito do verbo “será”.
 - c) Na primeira estrofe, o termo “quem recusar” exerce a função de sujeito do verbo “seguir”.
 - d) Nas estrofes 4 e 5, o pronome oblíquo “te” funciona como objeto indireto do verbo “definir”.
 - e) Na nona estrofe, a conjunção coordenativa aditiva “e”, que inicia o verso 31, introduz a ação final a ser realizada pelo sujeito indeterminado que fala como eu lírico da música.